



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A MULTIDIMENSIONALIDADE DA DIDÁTICA: APONTAMENTOS HISTÓRICO-TEÓRICOS DA E PARA A SUA APLICAÇÃO

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marcell.wendell@hotmail.com

Este trabalho versa sobre a multidimensionalidade da didática, discutindo o viés histórico e teórico no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, recorreremos na interpretação dos meandros políticos e sociais que possibilitaram a constituição da didática como a conhecemos hoje, incorporando, nesse percurso, a sua relação com a transformação das realidades escolares. Esse painel está comumente ligado às formas inter e multiculturais de constituição dos discentes e professores, e, sobretudo, na incorporação de novas formas de apresentar o conteúdo curricular. Nesse interim, é papel da didática tratar acerca dos conteúdos escolares, realizar uma leitura da sala de aula e dos componentes dela, e aplicar, de acordo com elas, diferentes métodos de avaliação, mediando discursos e debates no seio do corpo escolar. Essas atitudes são, portanto, reflexos da abordagem crítica-democrática que precisa permear a instituição escolar.

Palavras-chave: Didática, Multidimensionalidade, Ensino-aprendizagem.

Introdução

Múltiplas questões permeiam o ambiente escolar, como as relacionadas a gênero, drogas, sexualidade, política, sociabilidades, entre outros. Compreendendo essa dinâmica, as ações pedagógicas, nesse sentido, precisam estar confiadas em uma linha de pensamento que privilegiem as experiências dos discentes e as suas contribuições para uma reflexão acerca de determinada temática.

Logo, pensando as contribuições de Freire (2011) e Morin (2014), deixamos de inculcar no sistema educacional uma concepção de conhecimento bancário, e incentivamos a constituição de uma cabeça bem-feita que dialogue com os saberes do mundo e da cultura. Essa concepção está intimamente ligada às necessidades dos alunos que estão adentrando no ensino público brasileiro, em especial nos anos seguintes a redemocratização da República.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em consonância a essa ideia, os processos sociais existentes no espaço da escola devem, em uma concepção da didática para desenhar uma interação professor-aluno na admissão de um conhecimento, ser levados para a sala de aula. Nessa perspectiva, entende-se a didática como uma das disciplinas da Pedagogia a qual estuda o processo de ensino através de seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com um embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores (LIBÂNEO, 1990).

Contudo, entendendo que a interação entre professor-aluno é percebida a partir dos efeitos disciplinadores que ela gera, onde os professores utilizam diferentes estratégias para exercer o seu poder (GOMES, 2011), é necessário, para que não categorizemos o aluno em um ser *ouvinte* (FREIRE, 2005), aderir a uma série de ferramentas de ensino e recursos didáticos, sejam aulas expositivas, seminários, leitura e análise de textos; o uso do cinema, do teatro, da fotografia (Secretaria de Educação Básica, 2006), para orientar o aluno no que diz respeito à análise crítica dos conceitos apresentados em sala de aula. Mais do que isso, é importante incorporar na prática educativa diferentes dimensões de abordagens, por parte dos professores, em sala de aula, principalmente para ajustar os saberes e desenhar um campo de discussão orientada na livre expressão, mas pensando ao mesmo tempo no respeito aos saberes do outro.

Nessa medida, entendemos a condição juvenil e as mutações nos processos de socialização como justificativas para as configurações hoje refletidas nas instituições de ensino públicas do país (DAYRELL, 2007). Os diferentes modos de ser jovem implicam em novas formas de a sociedade produzir os indivíduos, onde, por sua vez, a condição juvenil está imbricada pela inserção nos múltiplos espaços de socialização. O reflexo dessas transformações, colocando em análise a história da didática, trouxe à disciplina novas configurações de aplicabilidade.

Dessa forma, este trabalho analisa o traçado histórico e teórico da Didática. Para isso, chega-se a uma interpretação salutar da constituição da disciplina e de como ela, atualmente, pode pensar a multifacetada composição da sala de aula. Juntamente a isso, a multidimensionalidade da didática define-se como uma forma de se trabalhar os vários tipos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de representações existentes na sala de aula, incorporando medidas cabíveis para realizar a interação entre professor-aluno, a avaliação e o aproveitamento dos conteúdos curriculares. Este último ponto é, destacadamente, fruto da comparação entre experiências de formação de professores da disciplina da didática e de como é importante exercer uma posição de mediação e ajustamento em sala de aula.

Metodologia

A metodologia deste trabalho realiza uma investigação histórica da didática, destacando os movimentos políticos, sociais e culturais existentes no contexto brasileiro. Por outra análise, a multidimensionalidade da didática é vista sob a realização de estudos e experiências que envolvem a inter e multiculturalidade da formação docente, desenvolvendo um debate teórico-prático a respeito da temática.

Histórico da didática

A noção de didática, como hoje se conhece nos cursos de licenciatura, é resultado – um produto – de um percurso por onde ela sofreu transformações epistemológicas, filosóficas e sistemáticas. Como apontou Veiga (1993, p. 27), “a metodologia de ensino (Didática) é entendida como um conjunto de regras e normas prescritivas visando à orientação do ensino do aluno”, e, no contexto atual, não apenas as regras sofreram mudanças, como também o aluno, aquele personagem que é o principal ponto de partida para pensar determinada metodologia de ensino.

Para compreender a importância do viés multidimensional da didática, portanto, carece na discussão desse enredo constitutivo, traçar os meandros da própria disciplina. Esse procedimento pode ser útil para saber que a didática, atualmente, é resultado de transformações no contexto político-social do país, refletindo nas mais importantes instituições de ensino superiores e delimitando um recorte pedagógico que se adeque, historicamente, ao aluno de cada época do século XX.

Visto isso, as mudanças sofridas pela didática na história do ensino no Brasil vão dos primeiros educadores – os jesuítas – e a pregação de um saber por um “plano de instrução”, o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ratio Studiorum, passando por uma Pedagogia Tradicional, onde a atenção é centrada no professor, detentor do saber, “que transmite a todos os alunos a verdade universal e enciclopédica” (VEIGA, 1993, p. 28). A partir de 1934 ocorre a aplicação do curso de didática nas universidades e nos cursos de licenciatura, com o nome Metodologia do Ensino Secundário, devendo a inauguração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo sua primeira intervenção.

Em seguida, com o aparecimento da disciplina nas instituições de ensino superior, a forma de ensinar ganhava novas abordagens, a exemplo do *escolanovismo* que, em poucas palavras, reclamava os princípios democráticos, mas ao mesmo tempo fazia insurgir a classe dominante, que era detentora da educação de melhor qualidade e, conseqüentemente, colocando as classes subalternas em atividades primárias da sociedade. Portanto, a metodologia de ensino, concebida por uma ótica histórica, perpassou uma série de configurações sociais e políticas no Brasil, e, sobretudo, econômicas – como o advento da Pedagogia Nova, concebendo uma tendência tecnicista da educação.

Segundo Veiga (1993), essa mesma tendência de uma Pedagogia Tecnicista vai:

Procurar desenvolver uma alternativa não psicológica, situando-se no âmbito da tecnologia educacional, tendo como preocupação básica a eficácia e a eficiência do processo de ensino. Essa Didática tem como pano de fundo uma perspectiva realmente ingênua de neutralidade científica. (p. 35).

Assim, a neutralidade científica provoca no processo de ensino-aprendizagem a ruptura comentada em Freire (2011), Figueiredo (1967) e Kenski (2002), a da perspectiva da disciplina ter em sala de aula a teoria e a prática como remanescentes uma da outra.

Este conceito foi igualmente trabalhado por Candau e Leite (2007) com suas alunas, os quais procuraram construir e desenvolver um curso de Didática na perspectiva multi/intercultural, com a abordagem metodológica voltada para a pesquisa-ação, fomentando oficinas que trabalhassem práticas cotidianas da escola com os textos analisados semanalmente.



Valemos que uma das mais importantes mudanças na estrutura da disciplina da didática ocorreu na I Conferência Brasileira de Educação, a qual procurou discutir com os participantes a ideia crítica de educação. Esclarecemos que a Pedagogia Crítica tem como fundamento, diferente da *escolanovista* ou da tecnicista, por exemplo, “trabalhar no sentido de ir além dos métodos e técnicas, procurando associar escola-sociedade, teoria-prática, conteúdo-forma, técnico-político, ensino-pesquisa, professor-aluno” (VEIGA, 1993, p. 39), e no sistema de organização e gestão da escola que dá abertura para a aplicação dessa Pedagogia, a concepção democrático-participativa (LIBÂNEO, 2012).

Já a partir da década de 80, deu-se início pontuais reivindicações de professores pela reconquista do direito de participarem na constituição da política educacional. Por essa lógica, novamente, percebemos o quanto estão imbricados os acontecimentos sócio-políticos do país – o período colonial, a ditadura de Vargas, a ditadura militar, a redemocratização e a inclinação econômica negativa na década seguinte – com o desenvolvimento da educação e da disciplina de didática, e os movimentos culturais e intelectuais de professores e alunos.

Multidimensionalidade da didática

O que temos em vista aqui é a formação do professor e como a multidimensionalidade da didática é fruto dos desafios enfrentados durante os períodos recontados do século XX, podendo ser entendida como uma ferramenta de incorporação do aluno no diálogo existente em sala de aula e o melhor aproveitamento dele nas atividades avaliativas.

Nesse sentido, a multidimensionalidade da disciplina compreende as multicategorias que a disciplina trabalha, nos campos humano – os relacionamentos e a comunicação entre professores e alunos, professores e professores, alunos e alunos, e a direção da instituição com ambos –; político-social – posicionamento dos acontecimentos vigentes na atualidade, precisando o professor contextualizar com esta dimensão e como ela influencia no delineamento do curso –; e técnico – sistematização e reflexão dos processos avaliativos, conteudistas, de planejamento.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Como resgatado anteriormente, os alunos mudaram; eles já não são os mesmos da década de 30, 40 ou 50, pois as configurações sociais e simbólicas fizeram com que suas representações se tornassem parte da situação social do momento em que vivem. Dessa maneira, as regras da metodologia de ensino também não poderão ser as mesmas desse momento histórico, porque é preciso que exista o acompanhamento da metodologia do professor com os saberes culturais dos alunos. É então que entra nesse dilema educacional a multidimensionalidade da didática, pois ela vai considerar todas as posições objetivas e subjetivas estabelecidas na sala de aula, elaborando o seu posicionamento de aplicabilidade.

Se o cenário (GOFFMAN, 1985, p. 29), na maioria dos casos é o mesmo, no caso a sala de aula com a mobília de sempre – cadeiras, mesas, armários, alunos sentados, professor na frente, armários ao redor, quadro –, os sujeitos são outros – os professores e os alunos –, com suas “aparências”, “maneiras”, “fachadas” e “representações” inerentes ao âmbito escolar.

Assim, para entender melhor a multidimensionalidade da Didática, vamos apresentar algumas noções práticas do âmbito escolar fazendo relação com a estrutura do referido curso trabalhado neste ensaio.

Didática: dimensões humanas, político-sociais e técnicas

A dimensão humana é um dos maiores enfrentamentos do fazer docente, pois é aqui onde são categorizados comportamentos. O “professor que é amigo”, “que deixa a galera conversar”, que tem paciência para explicar; o “professor que tem firmeza” ou que é maleável (GOMES, 2011); e em outro campo, o “aluno desrespeitador”, “sem limites” ou “desinteressado” (AQUINO, 1998) são alguns dos exemplos de atores sociais existentes em sala de aula.

Os sujeitos professores e alunos estão predispostos a serem multifacetados, gerando preconceitos que podem desestimular ou inibir a comunicação eficaz para a aprendizagem; por isso, a dimensão humana é colocada em posto de primeiro número no curso da didática.

Na dimensão político-social, introduzimos o que Taddei (2000) fala sobre a formação de professores, que necessariamente precisam:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Conter o treinamento necessário para o desenvolvimento do hábito da desconstrução, e então o professor será capaz de substituir as inibições impostas pela visão realista pela liberdade de criação literária dentro da prática educacional dialógica. Para além deste ponto, existe uma concordância entre autores pós-estruturalistas e reflexivos quanto ao papel do professor: este atua como ativista político; a escola não é politicamente neutra, e de forma geral opera de forma a reproduzir discursos, valores e privilégios. A crítica pós-estruturalista reintroduz o dialógico, relativiza as estruturas, e desta forma a escola não pode manter a posição de que determinada ordem social é “natural” (TADDEI, 2000, p. 159).

Essa dimensão se encontra muito fortemente vinculada à formação cultural do aluno do curso de didática, como encontraram Candau e Leite (2007). As autoras apresentaram que os perfis de suas alunas não concorriam a uma única prancheta. Além disso, perceberam que a perspectiva da multiculturalidade no ensino da didática, configurou na maneira com que a aplicação era manejada em sala de aula.

O procedimento do curso de didática seguiu na divisão de eixos para a elaboração das oficinas-aulas, onde conceitos como *desconstruir* – o preconceito e a discriminação; o caráter monocultural e etnocêntrico –, *articular* – igualdade e diferença –, *resgatar* – os processos de constituição das identidades culturais – e *promover* – interação, reconstituir a dinâmica educacional, o empoderamento – eram continuamente ornamentados nos encontros, como apresentam Candau e Leite (2007).

“Planejamento, metodologia, avaliação, disciplina, currículo e relação professor-aluno continuariam como conteúdos relevantes, porém, não exclusivos, tampouco nos seus formatos tradicionais. Colocava-se [...] o desafio de repensá-los na perspectiva multi/intercultural” (CANDAU, LEITE, 2007, p. 737). Essa prática requer sempre um exercício contínuo do professor de negociar com o “ofício de aluno” (CANDAU, LEITE, 2007, p. 757 apud PERRENOUD, 1997) e situar o debate na vivência do (s) mesmo (s), tentando superar as dicotomias das múltiplas narrativas, da alteridade e do estranhamento, da igualdade e da diferença, da desconstrução e da resistência, como assinalam as autoras.



O trabalho realizado com a perspectiva multi/intercultural é o direcionamento utilizado na didática nas duas dimensões anteriores. Para exemplificar, os estudos de Candau e Koff (2006) mostraram que a tendência ao multiculturalismo é regulamentada em quase todos os procedimentos educacionais, no entanto, o interculturalismo é ainda uma prática pouco usual, pois exige dos participantes um intenso investimento. Enquanto que a perspectiva multicultural não seja implantada oficialmente nos termos institucionais, a sua programação não chegará às práticas educacionais.

A dimensão da técnica, tendo em vista os outros dois procedimentos, será trabalhada levantando a percepção da sala de aula, e o desenvolvimento das suas atividades. A sua aplicação é resultante do perfil da sala e dos movimentos apresentados por ela. Candau e Leite (2007) mostraram os resultados alcançados, mas também apresentaram os desafios de aplicar uma Didática que mantivesse no seu bojo a perspectiva multi/intercultural:

O tempo, de fato, apresentou-se como fator complicador na realização de nossos planos e intenções: precisaríamos de mais tempo para poder abordar temáticas relevantes que não puderam ser incluídas no nosso programa, para aprofundar um pouco mais as que foram tocadas, para criar mais espaço de participação e aprendizagem para todas as alunas. (p. 746).

Esta dimensão tem como parâmetros a avaliação dos componentes escolares. Para isso, como já dito anteriormente, é necessário realizar uma ruptura com os preconceitos e, só assim, fomentar a interação social entre os sujeitos que compõem o espaço da sala de aula. A dimensão técnica, para isso, incorpora os movimentos subjetivos dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e, também, os político-sociais, ornamentando uma discussão salutar dos conteúdos curriculares e realizando uma avaliação que compreenda os diversos tipos e níveis de aprendizagens.

Conclusão

No tocante ao exposto, a didática em sua multidimensionalidade ocupa um espaço de constante experimentação e estudo. No entanto, é essa noção de uma *disciplina gentil*, que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reconhece o outro como ele é, buscando em suas referências o gancho para o estímulo do diálogo que produz o conhecimento, que a categoriza como uma forma de conhecimento que está sempre em processo contínuo de aperfeiçoamento e mutação.

Os processos de avaliação, sistematização de conteúdos, interação interpessoal aluno-professor e ensinamentos dos dispositivos político-sociais precisam ocupar os cadernos dos alunos dos cursos de didática, no mesmo compasso em que a teoria e a prática estejam presentes nos discursos dos componentes da sala de aula, regidos por uma ótica multi/intercultural, não criando guetos de conhecimento, mas fomentando espaços de livre circulação de ideias entre os discentes.

WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA, graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atua nesta mesma instituição como bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq), sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Helena Braga e Vaz da Costa. Pesquisa na área de Educação e Cinema, sendo produtor e curador em festivais e eventos sobre cultura cinematográfica em Natal – RN. E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

Referências

AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. In: *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 2, Júlio 1998.

CANDAU, V. M.; LEITE, M. S. **A Didática na perspectiva multi/intercultural em ação: construindo uma proposta**. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 731 – 758, set./dez. 2007.

_____; KOFF, A. M. N. S. **Conversas com.... sobre a Didática e a perspectiva multi/intercultural**. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 27, p. 471 – 493, mai./ago. 2006.

Ciências Humanas e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133f (**Orientações Curriculares para o Ensino Médio** – 3 volume).

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FIGUEIREDO, R. S. **Ensino: sua técnica – sua arte.** Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, A. T. **Interação professor-aluno em salas de aula do Ensino Médio.** Ribeirão Preto, 2011. 144 p.

KENSKI, V. M. **Processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias.** ROSA, Dalva E. Gonçalves. SOUZA, Vanilton Camilo. (org.). FELDMAN, Daniel. [et al.]. In: *Didáticas e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** São Paulo: Heccus Editora, 2012.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

TADDEI, R. R. **Conhecimento, Discurso e Educação – Contribuições para a Análise da Educação sem a Metafísica do Racionalismo.** São Paulo, 2000. 196 p.

VEIGA, I. P. A. **Didática: uma retrospectiva histórica.** DAMIS, Olga Teixeira (Org.). In: *Repensando a Didática.* Campinas: Papyrus, 1993.